Raízes do Ilê Asè d'Ogun Já

Povos Tradicionais
PRESENTES RJ

ILÊ ASÈ DO OGUN JÁ
CENTRO CULTURAL
STO ANTÔNIO DE CATIGERÓ
Yalorixá Jugara de Yemojá

KOINONIA
ecoaliança

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Licença KOINONIA:
Licença CC BY-NC-SA 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0

Redação:
Pedro Rebelo

Projeto gráfico e diagramação:
Fabio Marchiori

Revisão:
Ana Leticia Ribeiro
George W. Torno

Fotos:
Arquivos própios
commons.wikimedia.org

ILÊ ASÉ DO OGUN JÁ
CENTRO CULTURAL
STO ANTÔNIO DE CATIGERÓ
Yalorisá Juçara de Yemojá

Povos Tradicionais
PRESENTES RJ

KOINONIA
actaliança

GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Conteúdo

Efon e interseções: plantando uma declaração de amor e resiliência para o futuro. 5

Introdução 11

Origens do Candomblé no Brasil..... 19

Falando brevemente em Nações 33

Angola..... 37

Jeje 41

Cosmogonia Iorubá. 45

Ketu e Efon: troncos de uma mesma raiz. 49

Nação Efon 51

Origens do Ilê Asè do Ogun Já..... 65

Ogun na visão de Pai Kayambe 72

"Folha por folha, a sua mata tem: Pai Kayambe e o Caboclo 7 Folhas" 74

Entre os Caminhos de Ogun e o Ofá de Oxóssi: As águas de Iemanjá 75

Referências: 79

By Franz Xaver Nachtmann (1799-1846), Johann Baptist von Spix (1781-1826), Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) - http://bdlb.bn.br/acervo/handle/123456789/33747, Public Domain, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=65455493

Efon e interseções: plantando uma declaração de amor e resiliência para o futuro.

Nossa história de povos de terreiros ainda não terminou de ser contada, tanto das diferentes nações como de personagens e de terreiros que fizeram da paixão por sua fé e pelo direito de existirem em seus territórios atos cotidianos de resistência, resiliência e de luta contra a lógica do racismo estrutural: esse mesmo que assimila, difunde e naturaliza as opiniões e os sentimentos de que a cultura preservada nas comunidades de terreiros de candomblé seria de segunda, demoníaca e "negra" (como se isso fosse ruim).

Deixar-se também apaixonar por essa vontade que vem dos mais velhos, dos

ancestrais enfim; de apenas afirmarem o direito de estarem vivos e de serem sujeitos e cidadãos, individual e coletivamente é um convite permanente feito por todos os atos e processos de recuperação da memória e impregnação, por isso, de novos sentidos para o futuro.

Esse é o convite desse registro feito pelo Ilê Asè d'Ogun Já. Memória e pertença a uma nação de candomblé pouco falada e respeitada na sociedade brasileira, a Nação Efon.

É uma oportunidade de ver concretamente em memórias orais os vínculos dos Efon com outras nações de candomblé na diáspora brasileira. Destaco a conexão com a Casa Branca, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká com quem cruza as memórias de duas tradições orais, que se materializaram na presença física de um bambuzal, imponente na entrada do território da Casa em Salvador. De um lado

a memória de que o bambuzal, o próprio Orixá Dankô ali plantado, foi um presente de representantes da Nação Efon que ali o plantaram como agradecimento por seu abrigo na segunda metade do Séc. XIX. De outro, na São Gonçalo do Rio de Janeiro a memória de que seus antepassados foram cuidados na Casa Branca, em Salvador.

Essas memórias vivas e registradas são revolucionárias, porque sustentam afetos e declaram, sem dizerem, o amor à pertença secular ao universo negro brasileiro, que construiu esse país e que segue deixando suas marcas positivas, contra toda a herança colonial e racista ainda viva em nossos dias.

Publicar a partir de seu próprio Terreiro faz o Ilê Asè d'Ogun Já vibrar como as galhas de um bambuzal, que aleatoriamente se tocam propagando o vento que recebe, assim como as mãos de várias pessoas que batem

palmas dessincronizadas a propagar o som interminável de intersecções de esperança: vento de Oyá, galhas de Dankô e olhar pro futuro de Ogun.

Assim a Casa de São Gonçalo fez parcerias (KOINONIA e SECECRJ) para seguir sua paixão e plantar mais ainda suas raízes ao divulgar suas memórias e a inaugurar o Centro de Memória Pai Kayambe do Ogun.

Que Oyá, Dankô e Ogun mantenham com essas páginas o Orun e o Ayê unidos e os caminhos abertos para um bem viver futuro da Nação Efon.

Rafael Soares de Oliveira – Ogan d`Oxóssi, IIÊ
Axé Iyá Nassò Oká e associado de KOINONIA

Raízes do Ilê Asè d'Ogun Já

A INJÔ LAYÓ, OMO EFON FARAYÓ.

Dance com alegria, pois os filhos do Efon são iniciados para a felicidade

Introdução

Há um importante provérbio de origem africana que diz: *"Até que os leões contem suas próprias histórias, os caçadores sempre serão os heróis das narrativas de caça"*. Saber quem somos e de onde viemos é o que vai determinar nossos passos futuros e é por este compromisso com o futuro, firmado no passado, que inauguramos o **Centro de Memória Pai Kayambe do Ogun** com

o lançamento deste livro, construído em parceria com KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e com a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro (Sececrj) através do Edital Povos Tradicionais Presentes .

Queremos com esta obra reafirmar as origens do *Ilê Asè d'Ogun Já*, um terreiro tradicional de nação Efon, localizado no município de São Gonçalo, idealizado pelo Babalorixá Kayambe do Ogun, hoje nosso ancestral. O *Ilê Asè d'Ogun Já* está intimamente ligado à História do desenvolvimento e expansão do candomblé pelo Rio de Janeiro, além de ser um polo de cultura através das ações realizadas através do Centro Cultural Santo Antônio de Catigeró.

Apesar do esforço e da necessidade, não é fácil colocar no papel uma história tão vasta e rica quanto esta, que exige mais pesquisa e dedicação. Por este motivo este livro não se propõe a ser um documento definitivo, mas um pontapé para encorajar obras maiores e melhores sobre um candomblé que resiste no município de São Gonçalo e se relaciona com a História ancestral e diaspórica deste país. Trata-se de um pequeno

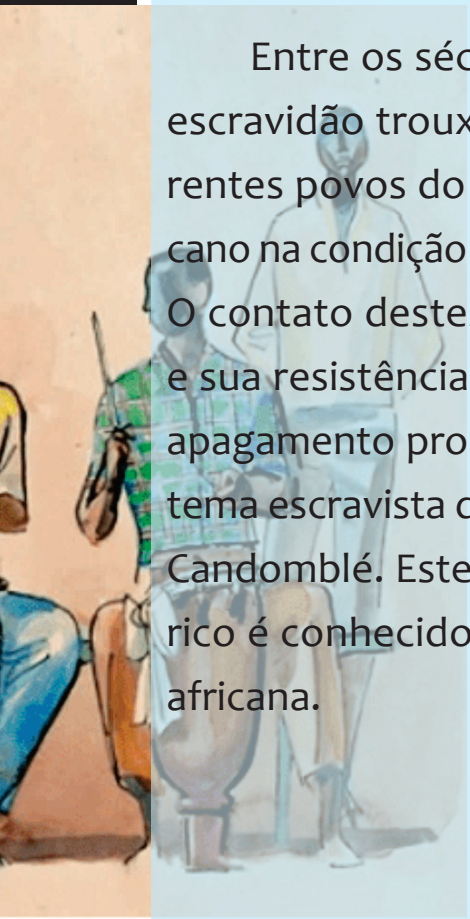
ensaio, sem rigor acadêmico, que cumpre a missão de eternizar o grande *Esà* Kayambe do Ogun, que do alto de sua ancestralidade nos dá força para continuar os caminhos que abriu e hoje percorremos.

Olhar para o passado para construir o futuro é uma prática herdada de nossos ancestrais. O Adinkra Sankofa é simbolizado pela a ave que olha para trás a fim de adquirir o conhecimento e a sabedoria da herança ancestral para construir um futuro melhor. E com base nesta sabedoria que desejamos uma boa leitura!

Sankofa

ave que olha para trás a fim de adquirir o conhecimento e a sabedoria da herança ancestral para construir um futuro melhor

Origens do Candomblé no Brasil



Entre os séculos XVI e XIX a escravidão trouxe ao Brasil diferentes povos do continente africano na condição de escravizados. O contato destes povos entre si e sua resistência ao processo de apagamento promovido pelo sistema escravista deram origem ao Candomblé. Este processo histórico é conhecido como diáspora africana.

O termo “diáspora” serve para designar o deslocamento, forçado, de um povo pelo mundo. Na História há outros exemplos de diáspora para além da africana, como a diáspora judaica. Entretanto, estima-se que a diáspora africana tenha levado para o continente americano cerca de 12 milhões de africanos escravizados ao longo de 300 anos. Deste total, cerca de 5 milhões foram enviados para o Brasil.[1] O antropólogo Pierre Verger, dividiu em quatro fases a diáspora[2] africana, identificando nela as três principais matrizes das quais se originou o candomblé: Banto, Fon e Iorubá:

1 **MORTARI**, Claudia. Introdução aos estudos africanos e da diáspora. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015

2 **VERGER,** Pierre. Fluxo e refluxo: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX. Companhia das Letras, 2021. (1987)

By Augustus Earle (in English); Augustus Earle (em Português) - National Library of Australia, Public Domain, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4990696

CICLO	PERÍODO	GRUPOS AFRICANO
Ciclo da Guiné	Séc. XV a segunda metade do séc. XVI	Diversos
Ciclo de Angola e do Congo	Séc XVII	Povos Bantufalantes
Ciclo da Costa da Mina	Séc XVIII (até 1770)	Povos do Dahomey
Ciclo da Baía do Benin	Entre 1770 e 1850	Povos do Dahomey Yorubás

Nos Ciclos da Guiné e Congo/ Angola, vieram para o Brasil os povos Banto, presentes na região centro-sul do continente africano. Durante o Ciclo da Mina predominou a chegada dos povos de etnias Fon e subgrupos de mesmo tronco cultural como os Ewe, Adjas, Axantes, Mina, Gans; todos oriundos da costa ocidental africana, dispostos pelo território do antigo Reino do Daomé, atual território do Benim e sul de Togo. Por fim, do Ciclo da Baía do Benin[3], vieram os Iorubás,

3 A baía do Benim estende-se por parte da costa ocidental africana, até a foz do Rio Níger, na Nigéria.

By Johann Moritz Rugendas (1802-1858) - Livro "Voyage Pittoresque dans le Brésil"., Public Domain, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=16395873

oriundos da atual Nigéria. Ainda sobre os iorubás, é comum o uso recorrente do termo "Nagô", principalmente na Bahia, para designar esta etnia. Para designar o grande agrupamento de Fons e Iorubás utiliza-se também o termo Sudaneses. Apesar de o tráfico de escravizados ter sido proibido em 1850 pela Lei Eusébio de Queiroz, a prática permaneceu ilegalmente até a abolição em 1888.

OCEANO
ATLÂNTICO
SUDANESES
Lagos
ÁFRICA
Golfo
da Guiné
BANTOS
Recife
Luanda
Salvador
io de
neiro
N
O
L
S

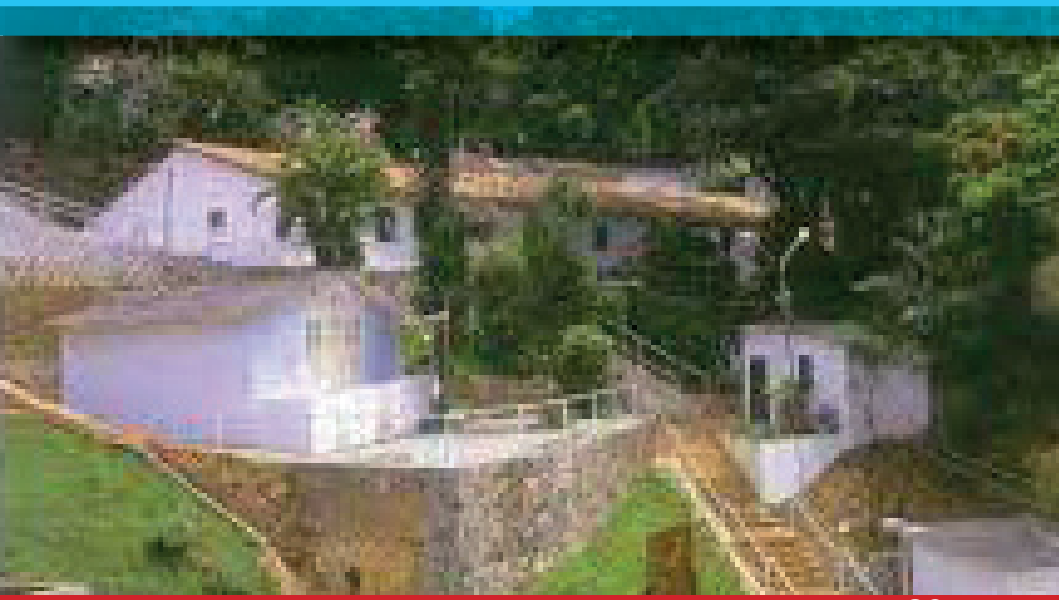
Os Iorubás foram os responsáveis por organizarem estruturalmente o culto de matriz africana, denominado candomblé. As primeiras manifestações do candomblé que conhecemos hoje começam nos arredores da Igreja da Barroquinha em Salvador, sob a direção das princesas africanas da região de Ketu e Oyó: Iyá Nassô, Iyá Adetá e Iyá Akalá, além dos sacerdotes africanos Babá Assiká e Bamboshê Obitikô, todos trazidos para o Brasil na condição de escravos. Embora sejam os iorubás a definirem sua estrutura, o termo "Candomblé" é de origem Banto, derivado de *candombe*, usado pelos negros Bantos para designar suas celebrações e festividades. Há ainda que associe a origem do nome ao termo banto "*kandombile*", usado para designar culto e orações[4].

4 **Lima**, Vivaldo da Costa. Lessé Orixá: Nos pés do santo. Salvador. Corrupio, 2010.

By Paul R. Burley - Own work, CC BY-SA 4.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=95042921

Posteriormente a comunidade religiosa teria sido remanejada para o terreno onde hoje se encontra, na localidade à época conhecida como Engenho Velho. Surge assim o Ilê Asè Iyá Nassô Oká, popularmente conhecido como Casa Branca do Engenho Velho, cuja origem é incerta. De acordo com o laudo antropológico do professor doutor Ordep Serra[5], a documentação mais antiga da Casa Branca do Engenho Velho remete ao ano de 1830, de modo que pressupõe que o culto à Orixá por esta comunidade tenha iniciado ainda em finais do Século XVIII.

5 **SERRA**, Ordep José Trindade. Ilê Axé Iyá Nassô Oká Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. 2013.



Oriundos da Casa Branca do Engenho Velho, surgiram posteriormente o Ilê Iyá Omin Asè Iyá Massê, conhecido como Axé Gantois, fundado em 1849 e o Ilê Asè Opô Afonjá, fundado em 1910.

Os Bantos e Fons também organizaram suas estruturas religiosas que posteriormente deram forma aos moldes atuais do candomblé, conforme abordaremos mais adiante. Cabes antes destacar que o candomblé é resultado da diáspora africana que trouxe ao Brasil, pelas vias da escravidão, diferentes povos com diferentes línguas, divindades e costumes que deram origem ao culto de matriz africana que aqui praticamos. Trata-se de um culto moldado pelo

tempo e pelas condições históricas de violência e resistência. Por este motivo, não encontramos candomblé na África, mas sim o culto tradicional que sofreu suas próprias influências e diferentes processos, também de resistência, ao longo dos séculos.

O candomblé divide-se em segmentos que chamamos de "nação". Tal divisão tem um duplo alcance[6], pois reivindica a origem étnica e histórica de um terreiro, bem como delimita sua referência litúrgica, de modo que podemos afirmar que as nações possuem costumes próprios, sendo alguns muito próximos entre si, e outros bem diferentes. Muitas

6 SERRA, Ordep José Trindade. Ilê Axé Iyá Nassô Oká Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. 2013.

vezes estas diferenças se expressam no culto à divindades que diferem e no uso litúrgico de dialetos africanos variados. Ainda assim, permanecem aspectos estruturais que unificam a religião, como por exemplo a necessidade de iniciação, as obrigações de tempo, os preceitos e as condutas comportamentais para o dia a dia, são estes elementos que definem a "unidade plural" do Candomblé.

By Paul R. Burley - Own work, CC BY-SA 4.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=95133664

Falando brevemente em Nações

Para não cometer injustiças, antes de tudo é importante ressaltar que a divisão do candomblé em "nações" não pode ser compreendida de modo cartesiano, ou melhor dizendo, não pode ser encarada com uma visão de pureza dos costumes e tradições. Como dito anteriormente, o candomblé é produto de resistência. Antes de sua consolidação haviam os Calundus e ainda antes a Cabula e ambos beberam da fonte da ancestralidade indígena e do catolicismo, de modo a assegurar a permanência dos saberes africanos. Também deste processo nasceram outras tradições como a Umbanda, a Jurema Sagrada, o Catimbó, o Batuque, entre tantas outras experiências afro-ameríndias e diaspóricas.

Deste modo, a reivindicação que um terreiro faz de sua história para se afirmar

como pertencente a uma determinada nação, não exclui a experiência de fundamentos de matrizes diferentes em um mesmo espaço. Há ainda experiências mais profundas em terreiros que reivindicam duas matrizes, como os terreiros "Jeje-Nagô", entre outros que aos olhares mais apurados poderiam ser considerados "becos". Não é objetivo desta obra determinar a liturgia. Isto fica à cargo de nossas autoridades religiosas.

Voltando ao tema proposto, abordaremos de forma breve algumas das principais nações que se fazem mais presentes no cotidiano religioso do Rio de Janeiro, não significando portanto que estas sejam as únicas existentes. Além de não serem, destaca-se o fato de que os nomes podem variar de acordo com a região do país, Dito isto, abordaremos as nações Angola, Jeje, Ketu e Efon.

By MarinaCriscuolo - Own work, CC BY-SA 4.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=100584607

Angola

O candomblé de Nação Angola tem sua raiz no conjunto de povos denominados Banto (*Bantu*), retratados anteriormente . O candomblé Angola cultua divindades denominadas Inquices (*Nkise*). O Rei desta nação é o Inquice *Kitembo*, ou Tempo, divindade que muitas vezes é associada ao Orixá Iroko na nação Efon. As celebrações, rezas e cantigas costumam ser realizadas nos idiomas quimbundo, umbundo e kikongo.

Por terem sido o primeiro grupo de africanos trazidos em diáspora para o Brasil, são eles que organizam as primeiras experiências afro religiosas no Brasil, chamadas *Cabulas* e posteriormente os *Calundus*. O candomblé de Angola tem seu primeiro terreiro fundado na Bahia em 1850, a *Inzo Tumbessí*, fundada por Roberto Barros Reis (*Tata Kimbanda Kinunga*), angolano escravizado no Brasil pela família Barros Reis.

Sobre esta nação, embora não-

Sobre esta nação, embora não seja consenso, existe uma tendência entre pesquisadores do tema em afirmar que o Candomblé Angola

Por Terreiro do Bate Folha Salvador - Terreiro do Bate Folha Salvador, CC BY-SA 4.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=50584225

é definido a partir de quatro vertentes[7] : O Tumbessí, fundado por Roberto Barros Reis e herdado por sua filha Maria Neném (*Mameto Tuenda UnZambi*); e as três principais casas descendentes: o Bate-folha de Salvador, fundado em 1916 por Manoel Bernardino da Paixão (Manoel de Nkosi[8]); o Tumba Junsara, fundado por *Kambambe* e *Ludiamugongo* em 1919 e por último a Casa da Goméia, fundada por Joãozinho da Goméia, que nos anos 1930 migra para o Rio de Janeiro.

7 **DA SILVA**, Jeusamir Alves. CANDOMBLÉ BANTU: AS QUATRO RAÍZES BAIANAS E PERSPECTIVAS DE CASAS PIONEIRAS NA BAIXADA FLUMINENSE. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, v. 7, n. 12, 2017.

8 Pronuncia-se "Incossi"–Inquice da guerra, comumente associado ao Orixá Ogum.

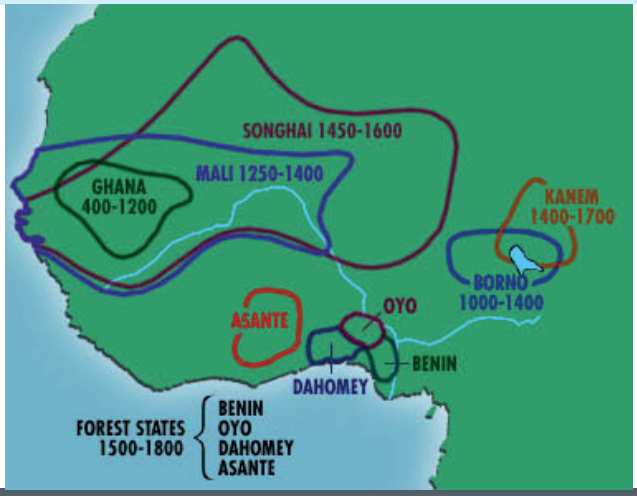
Por Desconhecido - Arquivo Nacional, Domínio público, https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=73131730

Jeje

O candomblé da Nação Jeje tem sua raiz no Povo Fon e subgrupos étnicos citados anteriormente. Existe muita discussão acerca da origem do termo Jeje *(Djedje)*[9] . A que utilizo neste estudo é a explicação dada por Vivaldo da Costa Lima[10] em que atribui ao termo a origem iorubá com o significado de algo como inimigo ou forasteiro. O termo fora cunhado pelos iorubás ainda em África no contexto das Guerras Daomeanas contra o Império de Oyó, entre os Séculos XVII e XVIII. Conta-se que ao avistarem seus inimigos, os iorubás de Oyó exclamavam: *"Pou okan, djedje hum wa!"* – Vejam, os inimigos estão chegando!

9 PARÉS, Luis Nicolau. A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia. Editora da UNICAMP, 2007 p.47.
10 *IBIDEM*

Vale ressaltar que a região dos Fons e dos Iorubás são fronteiriças e por esta razão temos como resultado de um processo histórico e complexo a ocorrência de guerras, transações comerciais e até mesmo intercâmbio cultural e religioso.



Quando os Fons chegaram ao Brasil escravizados, foram reconhecidos por seus antigos rivais que mantiveram o uso do termo, mas o sentido pejorativo foi se perdendo, de modo que passou a designar a etnia Fon no

âmbito do culto religioso e alguns registros de comércio escravista. De igual modo, o termo Nagô fora cunhado pelos Fons em sentido pejorativo [11], perdendo seu sentido na diáspora e em muitos casos se unindo, conforme a ocorrência de terreiros "Jeje-Nagô".

No candomblé Jeje as divindades cultuadas são os Voduns, que também são comumente associados em equivalência aos Orixás. A Nação Jeje tem como Rei, *Dangbé*, a grande serpente, também conhecido como Oxumarê (*Osumarè*), e Nanã como Rainha, sendo cultuada em algumas vertentes do Jeje como a Senhora da Criação. Não obstante, o panteão de divindades conhecidas em nossa Nação como Família Ji *(unjí)*, são provenientes do povo Fon. No candomblé Jeje as divindades são conhecidas como Voduns e os rituais,

11 PARÉS, Luis Nicolau. A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia. Editora da UNICAMP, 2007 p.47.

rezas e cantigas costumam ser realizadas em idioma *Fongbé*.

Além do candomblé, a matriz Fon está presente no Maranhão a partir do Tambor de Mina, organizado em meados do século XIX com a Casa das Minas. Acerca da origem do candomblé Jeje, há uma enorme dificuldade em afirmar precisamente. Sabe-se que o *Zôo-godô Bogum Malê Hundô*, de Salvador, e o *Zôo-godô Bogum Malê Seja Hundê*, de Cachoeira são protagonistas desta nação e possuem como figura central Ludovina Pessoa, africana do Daomé, cuja narrativa lhe atribui o posto de primeira mãe de santo do Jeje. Sabe-se que o culto aos voduns já existia, porém Ludovina é quem aglutina em torno de si uma identidade Jeje no âmbito religioso.O candomblé Jeje também possui subdivisões, entre as quais em algumas podem ocorrer maior ou menor influência iorubá.

Cosmogonia Iorubá.

É importante entender que os Iorubás, tal qual os Bantos, partilhavam uma mesma bagagem cultural, linguística e religiosa, mas não havia centralização política, de modo que o território iorubá era constituído de reinos independentes onde os soberanos, em tempos primordiais, foram senão os próprios Orixás encarnados na Terra, segundo a oralidade nos ensina. É herança dos iorubás, portanto, o culto aos Orixás. O nome destas divindades (em iorubá *Òrìsà*) tem origem em *Orìsè* que por sua vez deriva do termo: *ibiti orí ti sè :* aquele que rege e guarda nossa cabeça *(orí).*

A cosmogonia iorubá tem sua espiritualidade organizada da seguinte maneira: A

existência de um Deus único, o qual é chamado por Olorun *(Olórun)* ou Olodumare (*Olódùmarè*), nomes que poderiam ser traduzidos como "Senhor dos Céus", "Senhor do tempo, do destino e da criação".

Abaixo de Olorun os Orixás. Estes se dividem em categorias distintas: os Orixás primordiais (Òrìsà funfun)–designados por Olorum para o processo de Criação do Universo e os *Ésà-Òrìsà,* ancestrais divinizados que se tornaram Orixás. Há ainda no culto tradicional em África a devoção aos Orixás particulares de uma determinada família. Isto se perdeu na diáspora, de modo que os Orixás que tiveram seu culto preservado desempenham as mesmas atribuições para todos os terreiros, além de partilharem um mesmo espaço sagrado,

o terreiro, e não templos próprios como em África.

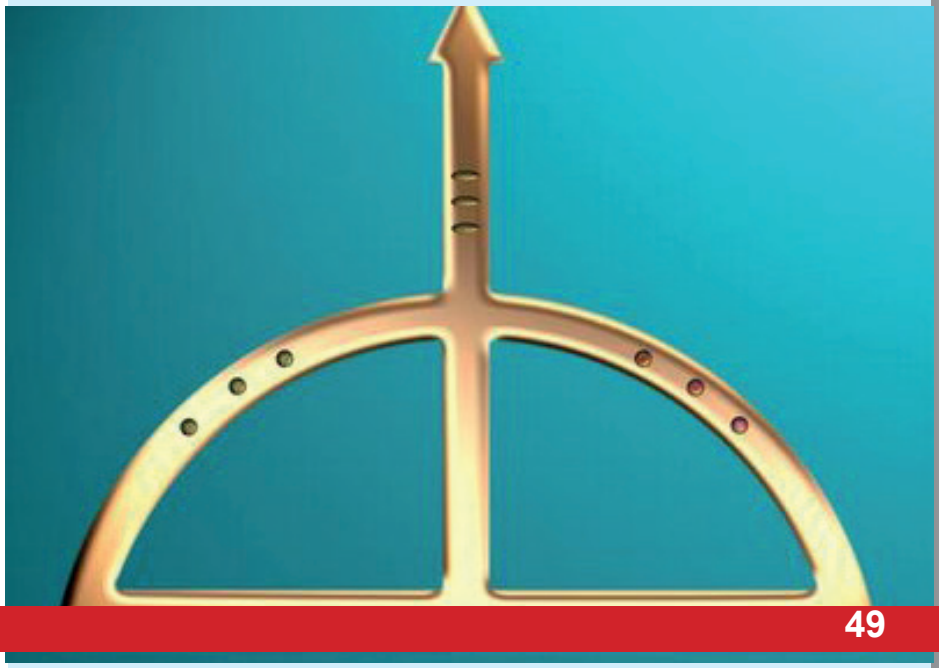
Na concepção iorubá muitos Orixás já viveram na Terra, alguns retornam ao Orun (céu) e outros foram divinizados em elementos encontrados na natureza (rios, montanhas, colinas...). Entre os reinos mais conhecidos cujos soberanos tornaram-se Orixás estão Oyó (as terras de Xangô), Ketu (as terras de Oxóssi), Irê (as terras de Ogun) Ekiti (as terras de Oxum), entre outros.

Ainda de acordo com a cosmovisão iorubá existe a crença na reencarnação, bem como a permanência de espíritos veneráveis no plano espiritual quando tornam-se ancestrais. Os espíritos ancestrais são chamados de *Esà*, os espíritos ancestrais que são

invocados em ritos próprios, com capacidade de materialização são chamados *Egunguns* que são tratados em um culto próprio, separado do candomblé, que dedica-se a cultuar Orixás e possui elementos para cuidar do Esà. Os espíritos desencarnados que não tornam-se ancestrais são chamados de *Eguns*. No candomblé existe tratamento adequado dado ao Esà. Há ainda uma série de outros seres espirituais de dentro da concepção iorubá que se perderam na diáspora.

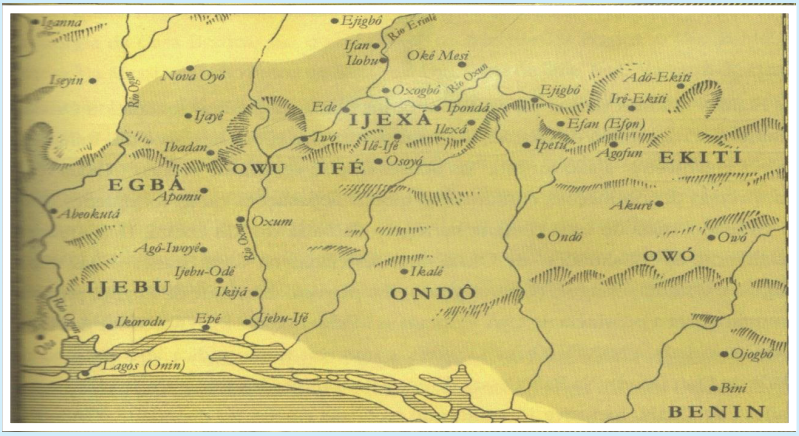
Ketu e Efon: troncos de uma mesma raiz.

Embora sejam nações diferentes, Ketu e Efon são provenientes da raíz Iorubá. O Candomblé Ketu tem sua origem no Ilê Asè Iyá Nassô Oká, como dito anteriormente, e das suas casas remanescentes. É, sem dúvida, a mais popular entre as nações e possui diversas ramificações. O rei da nação é o Orixá Oxóssi.



Nação Efon

Nossas raízes remetem a *Ekiti-Efon*, região situada ao leste da Nigéria, composta por dezesseis reinos menores cuja capital é *Adô Ekiti*. A palavra Efon no iorubá pronuncia-se "Efan", entretanto a pronúncia predominante no Brasil é da forma como se escreve. A região de Ekiti-Efon é conhecida por suas montanhas esplendorosas, as quais são regidas por seu Orixá patrono, *Olorokê*, ou *Oloke*.



Região da Bacia do Rio Oxum—Silveira 2009 in: LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Olorokê é um Orixá funfun, sobre o qual conta-se que ao assumir a forma física de uma grande montanha que emergiu do oceano por ordem de Olorum, proporcionou a passagem do Orun (céu) para o Ayê (terra), para que os Orixás descessem. Também é representado pelo leão branco das montanhas. Na tradição da Nação Efon, ele é o pai de Oxum, que é reverenciada como a grande rainha do Efon.

Colina onde se cultua Oloke em Ekiti
LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Desta localidade, vieram para o Brasil na condição de escravizados, por volta do ano de 1880, um africano conhecido como Babá Irufá, Babalawô e filho de Oxum, que no Brasil passou a chamar-se José Firmino dos Santos ou tio Firmo, acompanhado da princesa Adeboluie, iniciada em sua terra natal para o orixá Olorokê. No Brasil Adeboluie passou a chamar-se Maria Bernarda da Paixão, a Maria Violão, alcunha que ganhou pelas curvas de seu corpo.

Maria Bernarda da Paixão–Iyá Adeboluie e Babá Irufá. Fonte: LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Ao chegar em Salvador, tiveram contato com o Ilê Asè Iyá Nassô Oká, a Casa Branca, onde se cuidaram espiritualmente, até que por volta de 1901 fundam o *Asé Yangba Oloroke ti Efon,* popularmente conhecido como *Asé Olorokê*, situado na Rua Antônio Costa (antiga travessa de Olorokê) nº 12, no bairro do Engenho Velho de Brotas – Salvador – Bahia. Com isto, além de fundar um terreiro, fundaram também a Nação Efon no Brasil.

Fachada do extinto Asè Olorokê. Fonte: LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Por volta de 1905 morreu tio Firmo que ainda em vida já tinha passado a casa para Mãe Maria Violão. Mãe Maria iniciou muitas pessoas que mantiveram vivo o legado do Efon, no entanto, como este é um estudo resumido, vamos citar um dos filhos de Mãe Maria que mais tem importância para nós: Cristóvão Lopes dos Anjos, conhecido também como Pai Cristóvão de Ogun, sendo ele a quarta liderança do *Asè Olorokê*, após as gestões de Mãe Maria e Mãe Matilde de Jagun.

Pai Cristóvão–Fonte: LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Após a morte de Pai Cristóvão, assumiu o *Asé Olorokê* Mãe Crispina de Ogun e após sua morte não houve entendimento sobre a sucessão, de modo que a cadeira manteve-se vaga e a casa matriz do Efon fechou suas portas, no entanto, suas sementes germinaram e dentre as os terreiros oriundos do Axé Olorokê duas casas tradicionais são responsáveis pela influência majoritária do Efon na região metropolitana do Rio de Janeiro, em especial São Gonçalo.

Axé Pantanal

Ilê Ogun Anaueji Igbele Ni Oman: Conhecido popularmente como Asé Pantanal, dirigido pela Yalorixá Maria de Sangò, herdeira de Cristóvão de Ogun Já, que além de ter sido sacerdote na casa matriz, funda seu próprio terreiro em 1938 em Salvador e migra para o Rio de Janeiro nos anos 1950, para o bairro Parque Pantanal em Duque de Caxias. Pai Cristóvão chegou a dirigir concomitantemente o Axé Olorokê e o Axé Pantanal.

LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

Axé Parque Fluminense

Ilê Babá Ogún Megégé Asé Barúlepè: Popularmente conhecido como Terreiro de Santo Antônio dos Pobres ou Axé Parque Fluminense, fundado em 1944 pelo Babalorixá Waldomiro da Costa Pinto – Pai Waldomiro de Xangô, popularmente conhecido como Pai Waldomiro Baiano, também iniciado por Cristóvão de Ogun Já. Pai Baiano faleceu em 2007 e seu herdeiro, o Babalorixá Sandro de Osoguian assumiu a condução do Axé

em seu lugar. Pai Baiano iniciou ainda uma figura pouco falada mas muito importante para o Candomblé Efon em São Gonçalo, o Babalorixá Gamo de Oxum, cuja casa localizada no bairro Jardim Leal em Duque de Caxias não permaneceu após sua morte.

Pai Waldomiro Baiano. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/Ofilhodosventos/posts/pfbid0CUobjsWfNTSEi-Zz9hYDJBSR93jsK8aa-g8fT9y1VyYgDoCFyhu-XxFKKPaZoeTGGacl>

Brasão do Parque Fluminense–Disponível em: https://www.instagram.com/ileasebarulepe/

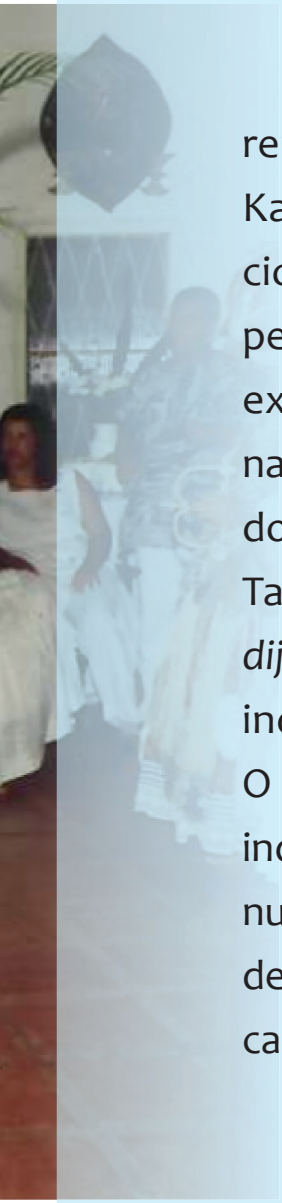
Fachada e Interior do Axé Parque Fluminense. Fonte: https://www.instagram.com/ileasebarulepe/

Pai Gamo de Oxum–Acervo do Ilê Asè d'Ogun Já.

Origens do Ilê Asè do Ogun Já

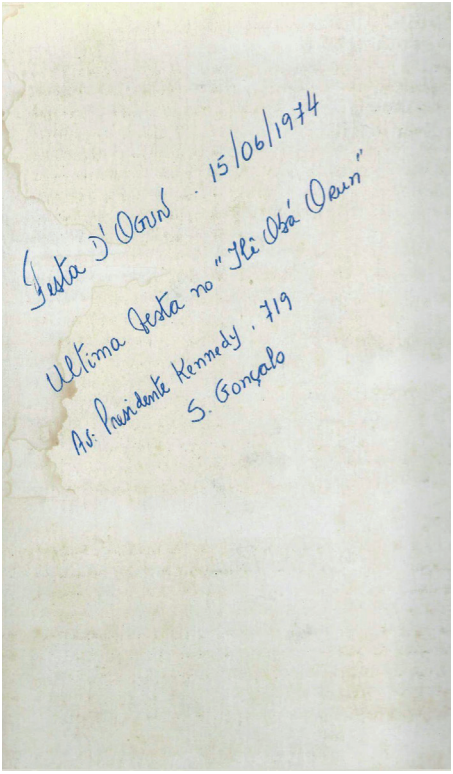
Transformações do salão- Décadas 1980/1990 –
Acervo Ilê Asè d'Ogun Já

Transformações do salão- Décadas 1980/1990 –
Acervo Ilê Asè d'Ogun Já



A fundação do Ilê Asè do Ogun Já, remete ao ano 1982, realizada por Pai Kayambe de Ogun. Pai Kayambe iniciou-se no Candomblé em 17/09/1967, pelas mãos de Tata Kanduandemo, no extinto *Ile Obá Orun*, à época situado na Av. presidente Kennedy, 719, Estrela do Norte, São Gonçalo–RJ. O título de Tata (abreviação de Tatetu) além das *dijinas* "*Kuanduandemo*" e "*Kayambe*", indicam a presença das raízes banto. O nome do terreiro "*Ilê Asè Obá Orun*" indica a presença de matriz iorubá. Tais nuances reforçam a ideia já apresentada de que não é possível falar de nações de candomblé com perspectiva cartesiana.

Em 1974, com o fechamento do Obá Orun, Pai Kayambe deu seguimento à sua vida espiritual pelas mãos do Babalorixá Gamo de Oxum no Asè Jardim Leal, Nação Efon, em Duque de Caxias – RJ; com quem deu seguimento às suas obrigações e iniciou sua missão de Babalorixá. Com sua casa aberta Pai Kayambe concluiu suas obrigações de 14 e 21 anos, após o falecimento de Gamo de Oxum, com o Babalorixá Waldomiro Baiano. Pai Kayambe faleceu em outubro de 2015 e em seu lugar assumiu sua filha, a Ialorixá Juçara de Yemoja–Mãe Juçara de Iemanjá.


Festa D'Orun . 15/06/1974
Ultima festa no "Ile Obá Orun"
Av. Presidente Kennedy . 719
S. Gonçalo

Registro deixado por Pai Kayambe–acervo do Ilê Asè d'Ogun Já.

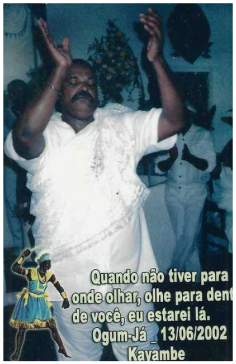
Foto atual da Avenida Presidente Kennedy, 719 - fonte: https://business.google.com/website/shopping-do-automovel

Pai Kayambe, fé e carnaval

Carlos Alberto Florêncio, conhecido socialmente por seu nome religioso, foi muito mais que uma liderança religiosa. Ainda menino, superou a pobreza e construiu sua história de sucesso. Filho de Ogun, devoto de Santo Antônio e apaixonado pela Mocidade Independente de Padre Miguel, onde dedicou anos de trabalho como estilista, essas eram as múltiplas faces de um homem que deixou seu legado.

Jornal O São Gonçalo, 2001- Pai Kayambe em seu ateliê, criando fantasias– Fonte: Acervo do Ilê Asè d'Ogun Já

Unindo fé e cultura concebeu um dos mais tradicionais eventos religiosos e culturais do município de São Gonçalo, a Feijoada do Ogun, realizada anualmente no dia 13 de junho, que tem por tradição louvar a Ogun e a Santo Antônio.



À esquerda, lembrança da Feijoada de 2002. À esquerda, consagração dos pãezinhos de Sto Antônio, distribuídos anualmente durante a Feijoada do Ogun. Acervo do Ilê Asè d'Ogun Já

Em 2015 Pai Kayambe deixou a vida física, voltou aos braços de Olorun e tornou-se um grande ancestral. Seu legado permanece vivo através de sua sucessora, Iyá Juçara de Yemoja–Mãe Juçara de Iemanjá.

Ogun na visão de Pai Kayambe

Acervo Ilê Asè d'Ogun Já

"Ogun é tudo na minha vida. É meu ar, meu anjo da guarda, meu Senhor, meu dono. Nele, eu tenho convicção, e não fé, pois fé é esperança, convicção é certeza. É um Orixá de guerra, um Orixá que luta e guerreia pelo instinto de conquistar outras terras. Dizem que ele é perigoso, desde que se sinta ameaçado. Luta pelos seus direitos e pelos

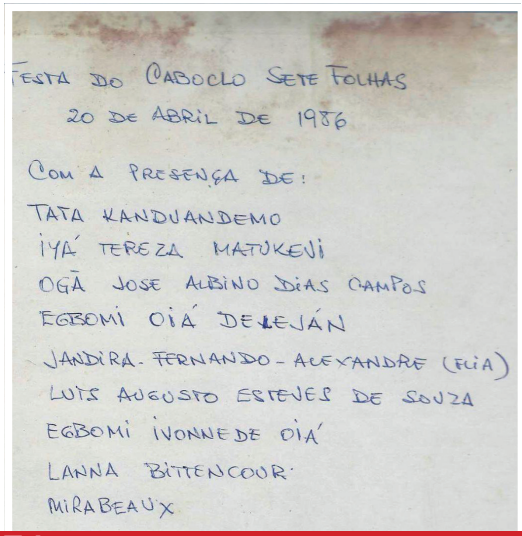
direitos de seus filhos. Meu Orixá, por exemplo, diz que se você for roubado ele castigará seu malfeitor e a você, que se deixou roubar. Ogun é a inquietude por excelência, para ele não há estagnação. Foi o responsável por forjar as ferramentas de todos os orixás. Do falo de Exu ao Opaxorô de Oxalá. Foi o primeiro *alábédé* – ferreiro–e também o primeiro ourives. Tudo que há de metal no mundo, nos ensina a cultura iorubá, foi feito por Ogun. Por isso, sem Ogun não se faz nada. Não se planta, não se ara a terra, não se semeia, a moeda não circula. Na era moderna, sem Ogun, não haveria meios de transportes, instrumentos cirúrgicos, informática, pois tudo isso vem dos metais. Por isso, repito, Ogun é tudo."

Entrevista concedida à Denis Luna, publicada no blog Vix Interativa.[12]

12 *Disponível em: <https://vixinterativa.blogspot.com/2015/10/morre-no-rio-de-janeiro-o-babalorisa.html>*

“Folha por folha, a sua mata tem: Pai Kayambe e o Caboclo 7 Folhas”

Além de sua devoção a Santo Antônio e de ser filho de Ogun, Pai Kayambe exercia sua espiritualidade através dos trabalhos ancestrais e curativos do Caboclo Sete Folhas, que é também um dos patronos da comunidade e o responsável pela aquisição do terreno onde hoje funciona o barracão. Sua festa é comemorada até os dias atuais no Ilê Asè do Ogun Já.


FESTA DO CABOCLO SETE FOLHAS
20 DE ABRIL DE 1986
COM A PRESENÇA DE:
TATA KANDUANDEMO
IYÁ TEREZA MATUKENJI
OGÃ JOSE ALBINO DIAS CAMPOS
EGBOMI OIÁ DENEJÁN
JANDIRA - FERNANDO - ALEXANDRE (FLIA)
LUIS AUGUSTO ESTEVES DE SOUZA
EGBOMI IVONNE DE OIÁ
LANNA BITTENCOUR
MIRABEAUX

Registro Pai Kayambe–Acervo Ilê Asè d’Ogun Já

Caboclo Sete Folhas com filhos e amigos do Asè–1986 Acervo Ilê Asè d'Ogun Já

Entre os Caminhos de Ogun e o Ofá de Oxóssi: As águas de Iemanjá

Quando retornamos às origens do culto à Orixá em África é possível assimilar com uma espiritualidade poética a continuidade do legado Pai Kayambe, um homem de Ogun, que passa seu legado para Mãe Juçara, uma mulher de Iemanjá. Em África, Iemanjá tem seu principal culto na nascente do Rio Ogun. É dela, a grande mãe, que brotam as águas do grande guerreiro iorubá, senhor da guerra e da tecnologia. E hoje,

as águas se voltam à origem e dão início à dinastia de Iemanjá no Ilê Asè do Ogun Já.

Pai Kayambe e Mãe Juçara– Acervo Ilê Asè d'Ogun Já.

Mãe Juçara iniciou-se aos nove anos de idade na Nação Angola pelas mãos de Tata Monancy, mas criou-se no Efon pelas mãos de Gamo de Osun. Com seu falecimento de Pai Gamo, Mãe Juçara passou a ser filha de Pai Kayambe, com quem fechou seu ciclo de obrigações. Com o falecimento de Pai Kayambe, Mãe Juçara assumiu a direção espiritual do Ilê Asè do Ogun Já, conforme determinação dos Orixás anunciada por Pai Ícaro de Oxóssi,

Pai Ícaro de Oxóssi e Pai Kayambe—Acervo Ilê Asè d'Ogun Já

Sempre que se fala em Pai Kayambe fala-se também em Pai Ícaro de Oxóssi, Babalorixá e fundador do *Ilê Asè Nlá Odé*, uma das mais proeminentes famílias de asé da região. E é com os caminhos abertos por Ogun e com a flecha certeira de Oxóssi que Iemanjá tem dado ao Ilê Asè do Ogun Já novos filhos e filhas que se se comprometem com o crescimento da casa e com a construção do legado matriarcal de Mãe Juçara. Odoya!

Ilê Asè do Ogun Já e Mãe Juçara de Iemanjá–Dias atuais. Acervo Ilê Asè d'Ogun Já

Nossa Linhagem Espiritual:

Referências:

DA SILVA, Jeusamir Alves. CANDOMBLÉ BANTU: AS QUATRO RAÍZES BAIANAS E PERSPECTIVAS DE CASAS PIONEIRAS NA BAIXADA FLUMINENSE. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, v. 7, n. 12, 2017.

LIMA, Alexandre Mantovani de et al. Memórias e identidades de um terreiro de Candomblé: Ilé Ògún Anaeji Ìgbele Ni Oman-Àse Pantanal: a Nação Efon em Duque de Caxias RJ. 2015.

LIMA, Vivaldo da Costa. Lessé Orixá: Nos pés do santo. Salvador. Corrupio, 2010.

MORTARI, Claudia. Introdução aos estudos africanos e da diáspora. Florianópolis: DIOESC: UDESC, 2015

PARÉS, Luis Nicolau. A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia. Editora da UNICAMP, 2007

SERRA, Ordep José Trindade. Ilê Axé Iyá Nassô Oká Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. 2013.

VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os--Santos, do século XVII ao XIX. Companhia das Letras, 2021. (1987)

KOI
NO
NIA
actaliança